

A História e a Memória dos Arteceramistas de Teresina - Piauí¹

Ariane dos Santos Lima[–]
Marluce Lima de Morais^{**}

Resumo: Nesse ensaio, pretendemos apresentar nossas primeiras impressões a cerca de uma pesquisa iniciada. Objetivamos construir a história e a memória do ofício e modos de fazer dos artesãos, trabalhadores com a argila no bairro Poty Velho em Teresina, com o recorte temporal de 1998 a 2006. Nossas principais fontes são depoimentos dos arteterceramistas, concedidos em dezembro de 2007. Com base na metodologia da História Oral e no aporte metodológico do manual de aplicação do IRNC (Inventário Nacional de Referências Culturais) indagamos sobre os modos de fazer cerâmica em Teresina, as intervenções e os efeitos do SEBRAE, Prefeitura de Teresina, Arcepoti (Associação dos Ceramistas do Poty Velho) e sobre a possibilidade de pensarmos sua prática como um bem de nosso patrimônio imaterial.

Palavras-Chave: Cultura. História. Cerâmica. Patrimônio. Piauí.

History and Memory of the Artisans from Teresina-Piauí

Summary: In this rehearsal, we intended to present our first impressions concerning a research. We aimed at building the history and the memory of the trade and ways of doing from the craftsmen, workers with the clay in the district Poty Velho in Teresina, with the temporary cutting from 1998 to 2006. Our main sources are the artisans' testimonies, granted in December 2007. With base in the methodology of the Oral History, and in the methodological contribution of the manual of application of IRNC (National inventory of Cultural References) we inquire on the ways of doing pottery in Teresina, the interventions and the effects of SEBRAE, City hall of Teresina, Arcepoti (Association of the Ceramists of Poty Velho) in the ceramist production and about the possibility of thinking the way of doing ceramic as a good of our immaterial patrimony.

Keywords: Culture. History. Pottery. Patrimony. Piauí.

Introdução

O objetivo desta comunicação é ensaiar a respeito de nossas primeiras impressões, frente à pesquisa que iniciamos². Pretendemos construir a história e a memória do ofício e modos de fazer dos artesãos que trabalham com a argila no bairro Poty Velho em Teresina com recorte temporal de 1998 a 2006, escolhemos esse período por ter sido um divisor de águas na atividade ceramista. Foi a partir de 1998 que a Associação dos Ceramistas do Poty Velho deu seus primeiros passos e em 2006 se deu à inauguração do Pólo Cerâmico.

[–] Graduanda do 3º período do curso de Licenciatura em Plena História, bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET. Tutor: Profº Dr.: Pedro Vilarinho Castelo Branco, UFPI.
E-mail: limaariane88@gmail.com

^{**} Graduanda do 3º período do curso de Licenciatura em Plena História, UFPI.
E-mail: moraismarluce@gmail.com

O bairro Poty Velho é um local de memória no contexto da história da cidade de Teresina, por ser o primeiro espaço de ocupação que deu origem a capital do Piauí, planejada em 1852.

Os sujeitos desta pesquisa são os diversos atores sociais que trabalham a arte em barro naquele bairro. São esses artesãos que buscaremos compreender, o artesão enquanto indivíduo, artista e profissional.

O trabalho teve início com a identificação e localização desses artesãos – homens e mulheres. Nosso objetivo é construir a história e memória do ofício e modos de fazer, buscando permanências e rupturas.

É nosso interesse, ainda, compreender o papel da Associação dos Artesãos em Cerâmica do Poty Velho – ACERPOTI, da Prefeitura de Teresina e do SEBRAE-PI, quando da criação do Pólo Cerâmico do Poty Velho, que é percebido pelos sujeitos da pesquisa como um centro propulsor do artesanato da região, pois viabilizou mudanças significativas na produção e comercialização da arte.

As entrevistas temáticas (Ofício e modo de fazer) foram realizadas com os próprios agentes, os ceramistas, o que nos permitiu apreender os significados atribuídos ao patrimônio cultural, a partir desses interlocutores legítimos. Quem melhor para nos informar senão aqueles que a vivenciam?

A fala dos artesãos nos permite caracterizar o seu ofício e modos de fazer. Nos possibilita fazer uma leitura, dentre tantas outras possíveis, de seu cotidiano, numa abordagem sócio-cultural, desde o recolhimento da matéria-prima principal, a argila, ao trabalho de produção das peças.

Incentivados pela política de Registros dos Bens Culturais de Natureza Imaterial do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), atualmente inventariando a Arte Santeira do Piauí, nos atentamos a pesquisar a cerâmica do Poty Velho nesse mesmo viés.

Pensaremos o ofício e modos de fazer do ceramista como um bem imaterial. E assim indagaremos: Como se dá esse modo de fazer pensado como bem imaterial que deve ser salvaguardado? Como se faz cerâmica em Teresina? O que é representado na cerâmica do Poty Velho? E quais as intervenções e efeitos do SEBRAE-PI, da Prefeitura de Teresina e Associação dos ceramistas do Poty Velho nos anos de 2000 a 2006?

Inicialmente, realizamos uma pesquisa bibliográfica para identificação de textos de natureza diversa sobre a história do Piauí, da cidade de Teresina e do artesanato no estado e particularmente o artesanato em argila na cidade de Teresina. Pesquisaremos em diversas

instituições: Bibliotecas da Universidade Federal e Estadual do Piauí; o Arquivo Público do Piauí; Fundação Monsenhor Chaves; Fundação CEPRO; SEBRAE-PI; além de páginas da web. Nesses espaços procuramos informações que subsidiaram um conhecimento preliminar de nosso objeto.

Ao longo das pesquisas de campo desenvolvemos a metodologia da História Oral. Realizamos entrevistas temáticas “o ofício do ceramista” e aplicamos os procedimentos metodológicos contidos no Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências culturais – IRNC. Esse suporte metodológico foi produzido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. O contato com essa metodologia foi possível através do Diretório de Pesquisa “Ensino, Memória e Patrimônio Cultural”, que tem como líder a Professora Doutora Áurea da Paz Pinheiro da UFPI.

O Manual de aplicação permitiu o levantamento e a sistematização de conhecimentos sobre o ofício e modos de fazer dos artesãos. As entrevistas visavam capturar a natureza do ofício, a percepção de rupturas e continuidades, bem como a valorização das peculiaridades locais.

1. E isso, é História?

Essa foi uma indagação que nos foi feita por um estudante de história a respeito da nossa pesquisa. “E isso, é História?” Seu questionamento partiu da idéia de que a matéria do historiador é o tempo passado e que trabalhar algo tão próximo seria campo do sociólogo e do antropólogo. As nossas reflexões nesse tópico vem a respondê-lo.

Partiremos do princípio de como se entende o Tempo, afinal o que é o tempo? Podemos distinguir duas expressões de tempo, o tempo cronológico e o tempo do historiador. O primeiro se trata de uma noção de tempo construído: passado, presente e futuro que fazem parte de uma convenção. O segundo por muito, foi tido como um ensaio sobre o passado, do qual o historiador teria a segurança da concretude dos fatos por sua distância temporal ele estaria assim isento de uma carga emotiva diante do fato estudado, ele estaria o mais próximo possível da imparcialidade e da objetividade (MULLER, 2007)

Por outro lado não concebemos esse tempo do historiador restrito ao passado, perceber o homem na sua duração engloba tanto um passado distante quanto um passado recente.

Portanto também faz parte do ofício do historiador se dedicar ao estudo do homem no presente. “[...] o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens.” (BLOCH, 2001, p.54) dos homens no tempo, na sua duração. Duração que não se limita em recortes distantes, falar do próximo seria também objeto de investigação histórica.

Mas afinal, o que é fazer uma história do Tempo Presente? Para respondê-la nos dedicaremos a mostrar as críticas direcionada ao historiador do tempo presente.

Inicialmente, questionam a proximidade temporal da história do tempo presente, não seria um perigo o historiador falar do seu tempo? Por ser contemporâneo do seu objeto o historiador estaria em vantagem por estar em contato com as experiências, assim seu caminho não seria ofuscado pelas marcas do tempo, por ele deter os signos e linguagens de tal sociedade. Nesse sentido Roger Chartier ensaia sobre o fazer do historiador no tempo presente em vantagem ao historiador do tempo consumado:

Inveja, enfim, porque o historiador do tempo presente é contemporâneo do seu objeto e, portanto partilha com aqueles cuja a história ele narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais. Ele é pois o único que pode superar a descontinuidade fundamental que costuma existir entre o aparato intelectual, afetivo e psíquico do historiador e dos homens e mulheres cuja a história ele escreve. Para o historiador dos tempos consumados o conhecimento histórico é sempre uma difícil operação de tradução, sempre uma tentativa paradoxal: manifestar sobre o modo de equivalência um afastamento irreduzível. Para o historiador do tempo presente, parece infinitamente menor a distância entre a compreensão que ele tem si mesmo e a dos atores históricos, modestos ou ilustres, cujas maneiras de sentir e de pensar ele reconstrói. (CHARTIER, 2005, 216)

A contemporaneidade proporciona ao historiador um leque de possibilidades documentais: imprensa, fontes visuais, orais além de utilizar as fontes tradicionais, os documentos oficiais, arquivos. A habilidade de produzir sua fonte se dá através da metodologia da História Oral.

As fontes da imprensa diária, os jornais, são acusados de portadoras de opiniões tendenciosas, que as informações nelas vinculados obedecem interesses de grupos sociais. Não podemos deixar de entender que qualquer produção de documentos possui interesses de seu produtor. O historiador que utiliza uma fonte do século XIX, também deve estar atento para os interesses que o produtor objetivava ao produzi-la.

Já a principal crítica se dá em especial à fonte oral, questionam até que ponto se pode confiar nessa memória, repletos de lapsos, esquecimentos e silêncios. Destacamos que o tempo presente é o tempo da memória e da lembrança, proporcionando ao historiador desvendar o presente. Não podemos descartar a fonte oral pela sua carga de subjetivação, cabe

o historiador historicizar essa memória, procurar saber o porque dos esquecimentos, dos lapsos, dos silêncios. A História do Tempo Presente torna possível o dialogo entre a subjetividade das fontes e dos objetos com a cientificidade que análise dessas fontes possibilita. (BÈDARIDA,1992)

Além da temporalidade, nosso trabalho também recebeu críticas quanto tema. Falar dos do ofício e modos de fazer do arteceramista seria trabalho de História ou de Antropologia? Há muito tempo as porteiras das áreas de conhecimentos foram abertas. Lembremos que Lucien Febvre (FEBVRE apud BURKE, 1992) já nos dizia “Historiadores sejam antropólogos, sociólogos, psicólogos [...]” Os Annales nos legou a perspectiva interdisciplinar, por que não usa-la? Fazemos uma História - antropológica ou uma Antropologia-histórica. desenvolver

2. A cerâmica do Poty Velho: ofício e modos de fazer

A Cerâmica em si é uma atividade popular que busca soluções de problemas do cotidiano do povo simples... Mas, uma visão mais atenta nos leva a ver em cada peça não a sua simples materialidade, o simples objeto utilizado por populações carentes. Cada objeto representa um modelo, uma tradição, um contexto social e econômico, um processo criativo. Reflete uma dimensão de arte, fixa um momento de emoção, revela uma criação estética. (MENDES, 1987, p. 45-48).

Noé Mendes nos permite pensarmos a produção de cerâmica no Piauí para além de uma simples atividade da população pobre. Conclama a pensarmos a produção ceramista como materialização dos sentimentos de seu produtor , uma forma de exteriorizar suas sensações.

Próximo ao encontro de dois rios, o Poty e o Parnaíba, o trabalho dos arteceramistas do Poty Velho vem sendo executado há gerações.

A arte em barro é um trabalho essencialmente familiar, o ofício é passado de pai para filho. A prática de passar os ensinamentos para as novas gerações é a principal e, talvez a única garantia da permanência do ofício e modos de fazer do artesão do Poty Velho.

Não estamos aqui, sinalizando uma reflexão a cerca de uma decadência da prática desses artesãos, por uma possível resistência dos jovens em aprender e desenvolver o trabalho

de seus pais. Pelo contrário, identificamos a força e interesse dos jovens em dar continuidade à tradição ceramista.

Esperávamos um desinteresse desses jovens. Partíamos da idéia de que um trabalho manual de técnicas e ferramentas rudimentares, não despertaria interesse de uma geração como a nossa, a era do chip. Ignorávamos que a motivação para prática artesanal não obedece a idéias tão simplistas.

Um dos sentidos atribuídos à valorização do artesanato, como nos deixa entender Le Goff (2002) é atender a necessidade das pessoas que após a Revolução Industrial passaram a revalorizar os trabalhos manuais para escapar dos produtos padronizados, de forma a nos sentimos únicos, diferentes. Possuir um produto feito à mão significaria a sua singularidade preservada.

A continuidade dos saberes artesanais possui motivações que seguem a dinâmica de sua natureza. Ou seja, cada saber carrega uma serie de sentidos que possibilita a sua permanência.

O nosso caso específico, o arteceramista do Poty Velho, possui sentidos que legitimem a sua continuidade. Podemos tentar elencar alguns desses, mas sabendo que não podemos esgotar sentidos e motivações que povoam o ofício de nossos arteceramistas. Arriscaremos em ensaiar alguns sentidos.

O ofício constitui uma representação da identidade daquele povo, os modos de fazer é um reflexo daquilo que pensam e principalmente do que sentem. Na modelagem do barro revela-se uma materialização da cultura popular. E então, uma prática participante da identidade, da cultura não é algo que desaparece. Possui mecanismos que garantem sua manutenção e talvez um desses seja a grande apelo emocional que o artesão atribui a fabricação de suas peças. A relação de paixão que o artesão estabelece com suas peças, assim como a receptividade dos que a consomem regulamenta a existência do saber.

Destacamos interesse dos jovens em dar continuidade a um trabalho que já era executado pelos seus avós. Atribuímos esse interesse para valorização da atividade ceramista, eles vêem o trabalho de seus pais e avós serem valorizados pela sociedade, principalmente após a criação da Associação (quando) – Arcepoti e do Pólo Cerâmico e então se sentem chamados a fazer parte do trabalho que reafirma suas raízes, seus vínculos familiares.

A emergência da atividade ceramista proporcionou a possibilidade de renda, afastou as resistências de alguns para o trabalho de ceramista. A ceramista Ana Célia Rodrigues (2007), em depoimento afirma, em tom de confissão: “[...] Eu nunca pensava que eu ia

trabalhar com essas coisas. Eu achava muito, sabe? Brega! Essas coisas, Ah! Coisa de gente pobre (risos) Ai, eu comecei a trabalhar para ganhar meu dinheirinho e dei mais valor.”

Mas afinal, como se dá o ofício e modos de fazer do arteceramista Poty Velho? Fala. Wagner Rodrigues em depoimento descreve seu cotidiano, destacando o processo e os executores:

A gente vai lá no barreiro dos tijolos, a gente pega ela (argila) ainda em grãos, muito dura, a gente bota ela de molho, passa três dias de molho. Dois dias de molho. A aí vem o rapaz pra poder amassar na enxada e pisando, passa a questão de mais um dia pra poder amassar cinco carroçada de barro e ai no outro dia ele faz as bolas pra poder trazer pra cá, traz na carroça. Questão de mais dois dias, ai passa no cilindro depois do cilindro vem pra cá (oficina de torneagem), daqui a gente já bota pra fazer um monte de barro, a i o rapaz ainda dá umas duas viradas amassando e cortando com o arame pra poder tirar alguns pedaços de pau de raízes, essas coisas, ai já tá quase no ponto de ir pro torno, do torno a gente faz a peça, depois ainda vem o acabamento. (RODRIGUES, 2007)

O modo de fazer do ceramista é orientado por um trabalho em grupo, cada uma possui sua especialidade. O mestre é o que detém maior habilidade em desobedecer a hierarquia de mestre - aprendiz. Os aprendizes trabalham principalmente no preparo da argila, na pintura e na queima, atividades secundárias a modelagem.

Todavia, a parceria mestre-aprendiz parece diferente. O trabalho não se reduz ao mestre e ao aprendiz. Na maioria das oficinas o trabalho é dividido de acordo com a habilidade de cada um. O que melhor prepara a argila, o que manuseia a modelagem no torno. O que melhor modela manualmente, os que queimam e os que pintam as peças.

Incentivados pelas políticas de Registros dos Bens de Natureza Imaterial do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e a luz do artigo 216 da Constituição Federal:

Art.216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de Natureza material e imaterial, tombados individualmente ou em conjunto, portadores de referências à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem (EC nº 42/2003)

I- as formas de expressão;

II- os modos de criar, fazer e viver [...]

Conceber o ofício e modos de fazer do arteceramista como bem de nosso patrimônio imaterial é entendê-lo como marca que constitui referências à identidade de um determinado

grupo social. São práticas desenvolvidas por atores sociais, de saberes especializados com técnicas e matérias-primas que os identifica enquanto grupo social.

Portanto, o reconhecimento do ofício e modos de fazer dos ceramistas como elemento significativo de uma cultura, é tomado como importante vertente para valorização tanto da atividade ceramista quanto da valorização às expressões culturais locais.

3. Acerpoti: a organização dos arteceramistas

Ao dia 16 de outubro de 2006 - a inauguração do Pólo Cerâmico do Poty Velho - significou para os ceramistas um divisor de águas em suas vidas. Aquele dia ficaria marcado na memória de cada artesão. O espaço do Pólo Cerâmico representava uma vitória, fruto de uma toda uma luta. O lugar para eles, tomou novos rumos pretendiam apenas melhorar a infra-estrutura de suas oficinas, galpões de taipas que dividiam entre produção, comercialização e moradia, além dos inúmeros transtornos durante o período de chuvas. Com a inauguração do Pólo Cerâmico, o lugar se afirmava não só como um simples local de produção e comercialização de cerâmica em Teresina - Piauí, mas o mais novo ponto turístico da cidade.

A Associação criada em 1998, é apontada como principal arma de organização, reivindicação e valorização da atividade ceramista. O principal sonho daqueles artesãos que se organizavam, era a construção da Vila do Artesão, espaço onde pudessem morar, fabricar e comercializar suas peças, infra-estrutura básica que os retirassem das péssimas condições de trabalho.

A causa dos arteceramistas ganhou respaldo através da criação da Arcepoti. Na qualidade de instituição em defesa e em busca dos direitos dos artesãos, procura a partir da sua união novas condições, tendo em vista que os ceramistas enquanto indivíduos pouco podem fazer, pois são mais ouvidos enquanto associações e cooperativas.

A Arcepoti, a Prefeitura e Teresina e outros parceiros financiaram a construção do Pólo Cerâmico. O Pólo Cerâmico assumiu papel relevante, gerador de emprego e renda além de se revelar um promissor ponto turístico de Teresina.

O SEBRAE-PI, foi um importante agente nos novos significados atribuídos a produção das peças. Essa instituição promoveu cursos de capacitação, procurava dinamizar e

aperfeiçoar as técnicas de produção com objetivo de tornar as peças mais competitivas no mercado. Essa ação pode ter sido a maior mudança visualizada no ofício do ceramista, pois de simples potes, jarros e filtros os ceramistas passaram a produzir sofisticadas peças decorativas.

Ressaltamos que todas as mudanças, principalmente, a melhoria das condições de infra-estrutura se deu através da mobilização dos ceramistas em reivindicar seus direitos.

Considerações Finais

Como já anunciamos no início do texto, esta comunicação é a apresentação de nossas primeiras impressões, em busca da História da Memória dos arteceramistas do Poty Velho em Teresina.

Inicialmente empreendemos uma tentativa de legitimar a pesquisa. Defendemos a possibilidade de se fazer uma história do tempo presente. Ao passo que por estranheza de alguns e admiração de outros pretendemos construir um trabalho de Antropologia-Histórica.

Num segundo momento ensaiamos sobre nossa matéria principal: o ofício e modos de fazer do Arteceramista, pensando seu ofício como um bem imaterial.

Significamos ainda, a importância da organização dos ceramistas enquanto associação, como um fator importante para a concretização do sonho-A construção do Pólo Cerâmico.

Esses pontos caracterizam, como já enfatizamos, nossas primeiras impressões, destacamos que ainda temos muito que ouvir, a significar e a aprender a cerca do ofício e modos de fazer do Arteceramista de Teresina.

Referências e Fontes

Bibliográficas

BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (coords.). **Usos e Abusos da História Oral**. - 7 ed -. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p.203-209.

BURKE, Peter. História como memória social. In: **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CADERNOS DE TERESINA, Fundação Monsenhor Chaves.n.35, mar. 2003. p.82-89

Constituição Federal do Brasil: texto promulgado em 5 de outubro de 1988. publicação Brasília senado Federal 2004.

CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p.7-37

FONTRNELE, Sergio. **Artesãos do Poti Velho vencem a pobreza**. < disponível em: www.acessepiaui.com.br.> Acessado em 18 de janeiro de 2008.

Robert. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, Agnes. **Questões para a história do presente**. São Paulo: Edusc, 1999.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. Artesãos. In: **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC, 2.v, 2002.

INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS, IPHAN-Minc, Brasília,2000.

MENDES, Noé. Cerâmica Popular Piauiense. In: CADERNOS DE TERESINA, Fundação Monsenhor Chaves. Ano I, n.3, dez.1987,p.45-48.

RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAUVEAU, Agnes. **Questões para a historia do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p.39-50.

Fontes

RODRIGUES, Wagner. Depoimento concedido a Ariane dos Santos Lima e Marluce Lima de Moraes. Teresina: dezembro de 2007.

RODRIGUES, Ana Célia. Depoimento concedido a Ariane dos Santos Lima e Marluce Lima de Moraes. Teresina: dezembro de 2007.

DA PAZ, José de Ribamar Moraes. Depoimento concedido a Ariane dos Santos Lima e Marluce Lima de Moraes. Teresina: dezembro de 2007.

¹ Esse artigo foi orientado pela Professora Doutora Áurea da Paz Pinheiro e ao Professor Mestre Raimundo Lima;

² A idéia de se trabalhar a produção ceramista no bairro Poty Velho em Teresina se desenvolveu a partir da disciplina História das Idéias Políticas e Sociais, Ministrada pela professora Maryneves S. Área Leão Sousa, a turma teria que pesquisar os diversos aspectos do bairro Poty Velho (a produção de artesanato, a tradição pesqueira, os empreendedores, o turismo...)